

OS IMPACTOS E AVANÇOS GERADOS PELA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL EM CORUMBÁ¹

Bryan de Oliveira Silva²

Mariana Vasquez Lima³

Orientadora: Bárbara Amaral Martins⁴

Resumo: Tendo em vista que, no período de 2020 e 2021 o país e o mundo adotavam medidas de distanciamento social por conta do risco de transmissão do coronavírus, percebeu-se a necessidade do estudo mais aprofundado acerca de como este contexto afetou alunos com deficiência, a fim de investigar quais os desafios enfrentados e como poderiam, através de estratégias, progredir com o ensino-aprendizagem dos estudantes Público-Alvo da Educação Especial (PAEE). Para tanto, foi necessário um conhecimento sobre como se desenvolviam as práticas pedagógicas da professora do Ensino Fundamental I que participou na pesquisa informando sobre o ensino remoto por decorrência da pandemia e discorrendo sobre as dificuldades e possibilidades encontradas no processo educacional que envolveu estudantes com deficiência durante este ensino remoto e no retorno às aulas presenciais. Realizou-se, então, uma pesquisa qualitativa, através de uma entrevista semiestruturada, em uma escola da rede Municipal de ensino, na cidade de Corumbá-MS, tendo como participante uma professora do Ensino Fundamental I. Diante disso, verificou-se que durante e pós-pandemia, ocorreram muitas mudanças no ensino-aprendizagem destes estudantes, pois, as unidades escolares adotaram medidas para melhorar a dedicação e continuidade escolar, onde foi possível concluir que no retorno escolar ocorreram muitos impactos para readaptação estudantil, além, das medidas de segurança para garantir um ambiente saudável e viável para receber os estudantes.

Palavras-chave: Pandemia. Educação Inclusiva. Educação Especial.

Abstract: Bearing in mind that, in the period of 2020 and 2021, the country and the world adopted social distancing measures due to the risk of transmission of the coronavirus, the need for a more in-depth study was perceived about how this context affected students with disabilities, the in order to investigate the challenges faced and how they could, through strategies, progress with the teaching-learning of students Target Audience of Special Education (PAEE). To this end, it was necessary to have knowledge about how the pedagogical practices of the Elementary School teacher who participated in the research were developed, informing about remote teaching as a result of the pandemic and discussing the difficulties and possibilities found in the educational process that involved students with disabilities during this remote teaching

¹ Artigo apresentado no V Seminário Nacional de Pesquisas e Práticas na Educação da Infância, trazendo os principais contextos da Educação Especial na pandemia.

² Graduando do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) Campus do Pantanal, e-mail br.bs947@gmail.com

³ Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) Campus do Pantanal, e-mail mariana.vasquezlima@gmail.com

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Marília. Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul lotada no Campus do Pantanal.

and the return to in-person classes. A qualitative research was then carried out, through a semi-structured interview, in a school in the Municipal education network, in the city of Corumbá-MS, with a Primary School teacher as participant. In view of this, it was found that during and post-pandemic, there were many changes in the teaching-learning of these students, as school units adopted measures to improve dedication and school continuity, where it was possible to conclude that upon returning to school there were many impacts on student readaptation, in addition to measures of security to ensure a healthy and viable environment to receive students.

Keywords: Pandemic. Inclusive education. Special education.

Introdução

O presente artigo traz reflexões sobre a educação especial e a importância que possui no meio social de acordo com as políticas voltadas a ela, políticas estas que permitem o direito de qualquer pessoa com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação à educação (Brasil, 1996). Ademais, discutirá sobre o que a educação passou durante o ensino remoto, que ocorreu no segundo semestre do ano de 2021, tratando das perspectivas e adversidades que a educação inclusiva enfrentou durante o período de isolamento do COVID-19.

No início, as escolas tiveram que manter suas portas fechadas, não recebendo nenhum aluno presencialmente, pois não sabiam quanto tempo iria durar a “quarentena”. Porém, não poderiam deixar que os alunos ficassem à mercê do seu desenvolvimento. Por isso, tiveram que se adaptar a uma nova modalidade de processo de ensino e aprendizagem, o ensino remoto de emergência (ERE), que não foi muito bem aproveitado e benéfico, tanto para os alunos, quanto para os professores, pois era uma realidade nova para todos e muitas famílias não tinham condições de acesso à internet com velocidade e limite de dados adequados (Souza; Dainez, apud Goelzer; Goelzer, 2022).

Adicionalmente, certas localidades, como em Corumbá/MS, inclusive aquelas famílias que tinham acesso ilimitado, enfrentavam falhas constantes na distribuição do serviço de *Internet*.

Além disso, a falta de apoio para as crianças público-alvo da educação especial (PAEE), ou seja, alunos com transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação, foi um grande desafio para os responsáveis que não

sabiam lidar com as suas condições, muitas vezes por não terem a mesma experiência e calma que um profissional da área da educação especial, dificultando o desenvolvimento motor e cognitivo dessas crianças (Souza; Dainez, 2020).

O retorno das aulas presenciais e de maneira escalonada, foi um avanço para as escolas, contudo, foi posto à prova o modo como iriam receber os alunos, adaptando o ambiente escolar para um momento tão desafiador que estávamos vivendo e que exigia medidas de biossegurança, pois o uso frequente de máscaras e álcool em gel foi um problema, principalmente, para as crianças pequenas ou pertencentes ao público da educação especial, que não estavam se adaptando à nova realidade (Saraiva; Traversini, 2020).

Diante das implicações causadas pela COVID-19, as escolas tiveram que adotar meios tecnológicos para dar continuidade no desenvolvimento das crianças. Através desses meios, os professores preparavam seu planejamento e encaminhavam aos alunos as atividades.

Na sequência, percebe-se que com o retorno às aulas presenciais, os discentes eram divididos em duas turmas, ocorrendo, as aulas, de maneira escalonada, com os professores ainda tendo acesso aos meios para trabalharem remotamente. Como a turma era separada em dois grupos, os professores trabalhavam de forma que realizavam atividades em sala com o grupo 1 e enviavam exercícios para serem feitos em casa para o grupo 2.

Logo, após todo o processo de pandemia, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) passaram a fazer parte do meio escolar. Segundo Alves, Cardoso e Cantuária (2023), o desenvolvimento tecnológico possibilita às pessoas a realização de suas atividades cotidianas e se tratando de uma pessoa com deficiência, contribui muito para uma vida mais independente.

As vantagens da TIC para alunos com necessidades educativas especiais são muitas, dentro da versatilidade e possibilidade de atenção à diversidade. Assim, destaca-se o importante papel que desempenham no estímulo e atendimento de suas necessidades na facilitação da aprendizagem da leitura e da escrita, comunicação e linguagem, aumento da autoestima e motivação e integração social, entre outros. (Alves; Cardoso; Cantuária p.8 2023)

Serão abordados assuntos de extrema importância com relação ao ensino e aprendizagem dos alunos PAEE no período pandêmico, a adaptação ao novo modelo de ensino e a atenção às suas necessidades educacionais, buscando compreender

se era um acompanhamento frequente e pertinente às peculiaridades desses discentes. Neste contexto, temos como hipótese a ocorrência de atraso no desenvolvimento, fruto de falta de adaptação ao novo modo de ensino e de tratamento educacional adequado.

Nessa direção, o objetivo geral desta pesquisa é investigar os desafios enfrentados por uma professora no contexto pandêmico e as estratégias de superação adotadas diante de eventuais prejuízos ao processo de ensino-aprendizagem dos estudantes público-alvo da Educação Especial (PAEE)

Os objetivos específicos são:

- Identificar estratégias utilizadas pela professora durante o período pandêmico e pós-pandêmico.
- Analisar o processo de aprendizagem dos alunos durante o retorno as aulas.

A pandemia de COVID-19 e o processo de escolarização

Durante os anos de 2020 e 2021, principalmente, o Brasil e o resto do mundo sofriam com os impactos causados pela COVID-19. No final do ano de 2019, a China se tornou o centro de um surto de pneumonia de causa desconhecida que gerou uma atenção mundial. Com a investigação das autoridades de saúde chinesas para caracterizar e controlar a doença, descobriu-se uma nova sequência genética do novo coronavírus que levou as pessoas, suspeitas de estarem com a doença, a ficarem em isolamento (Chen, 2020).

Com a chegada do novo coronavírus ao Brasil, a população foi assolada por diversos fatores que contribuíram para a propagação da doença, pois por se tratar de uma doença transmitida pelas vias respiratórias, as pessoas tiveram que tomar medidas de segurança. Dentre as recomendações da Organização Mundial da Saúde se destacam a testagem de toda a população para o novo coronavírus e o estado de isolamento social para toda a população mundial e quarentena para as pessoas que apresentarem alguns dos sintomas da doença, a fim de suprimir o contágio e achatar a curva de transmissão do vírus, fazendo com que as autoridades, os sistemas de saúde e os cientistas ganhem tempo na luta contra a doença (Cardoso; Taveira; Stribel, 2021).

Com o isolamento social, comércios e várias unidades de ensino tiveram que fechar suas portas adotando um novo modelo de atendimento. Segundo Vieira e Seco (2020, p.1027, apud Rocha; Vieira, 2021, p. 2) “A pandemia por COVID-19 obrigou as instituições educacionais e os professores, em nível mundial, a alterar drasticamente as suas práticas educativas”.

Arruda (2020, apud Rocha; Vieira, 2021) afirma que a escola é um espaço onde há grandes trocas e mobilidades de pessoas de várias faixas etárias, sendo, portanto, um dos locais com grandes probabilidades de contaminação e propagação do vírus, o que a colocou como um dos últimos espaços a serem reabertos.

O fechamento das escolas causou uma grande contradição manifesta no ambiente escolar relacionada aos riscos à segurança alimentar das crianças e a saúde mental, pois por se tratar de um problema preocupante para a população, causou muita insegurança (Nascimento, 2021).

Segundo essas ideias, pode-se perceber que houve um grande abalo nas perspectivas educacionais, pois o processo educacional foi bastante comprometido, principalmente pelo fato do isolamento que acarretou na defasagem escolar das crianças.

Nessas circunstâncias, ao falarmos de educação inclusiva na pandemia, não podemos esquecer de trazer um contexto mais aprofundado do que realmente é e o que a educação especial passou para ser o que é hoje, remetendo a história de suas lutas e conquistas para o direito à aprendizagem, que hoje são garantias constitucionais universais.

Ao longo dessas lutas, as leis criadas oferecem suporte aos indivíduos com necessidades especiais, tanto no âmbito educacional quanto na busca pela inclusão social. É fundamental respeitar as diferenças e considerar os princípios estabelecidos nos documentos que regulam nosso sistema de ensino. Com o objetivo de promover uma educação de qualidade para todos, é essencial uma reestruturação ideológica que contribua para aprimorar o processo educativo, revisando conceitos e paradigmas, visando à reorganização do sistema educacional brasileiro.

Durante os anos de 1990, a Organização das Nações Unidas (ONU) para a educação, a ciência e a cultura e movimentos sociais em defesa dos direitos das pessoas com deficiência se uniram em torno dessa questão, resultando na publicação de documentos essenciais. Desde a declaração de Salamanca (1994) até a

convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência, adotada pela ONU em 2006 e a incorporada à Constituição Federal, por meio da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) em 2015, uma ampla base jurídica foi estabelecida para apoiar a luta contra a segregação e o preconceito em relação à capacidade.

Sendo assim, a LBI, foi um grande avanço em desfazer o que foi feito no passado. Ela define a deficiência como uma característica que não pode ser considerada isoladamente, mas sim como algo que acontece quando uma pessoa interage com um ambiente que contém obstáculos, devido as suas características diferentes do padrão. Em outras palavras, a deficiência, independentemente de sua natureza, só se manifesta quando em contato com um mundo que está cheio de barreiras que impedem a inclusão completa da pessoa com essa característica (Brasil, 2015).

Essas barreiras podem ser de diversos tipos: físicas (como portas estreitas e banheiros não adaptados), urbanísticas (como calçadas desniveladas e falta de sinais táteis e sonoros nos semáforos), nos transportes (quando não há rampas e corrimãos), na comunicação (falta de intérpretes de língua de sinais, legendas, textos alternativos, etc.), tecnológicos (quando a tecnologia não é acessível) e também podem envolver atitudes preconceituosas (Instituto Unibanco, 2023).

Apesar dos progressos registrados nas últimas décadas e do aumento gradual das taxas de escolarização, as crianças e jovens com deficiência continuam a ser desproporcionalmente afetados pela exclusão escolar. Analisando os dados do Censo Escolar Nacional de 2016, Rodrigo Mendes estima o seguinte:

Sendo conservador, estou usando uma estatística da Organização Mundial da Saúde, temos 15% da população com alguma deficiência. Hoje, no Ensino Médio brasileiro, somente 0,68% das matrículas é ocupada por pessoas desse segmento social. Precisamos mudar esse cenário (Mendes, 2016).

O trecho citado enfoca a disparidade entre a porcentagem estimada da população com alguma deficiência (15%), conforme dados da Organização Mundial da Saúde, e a baixa representatividade dessas pessoas no Ensino Médio brasileiro (0,68% das matrículas). Ao mencionar que está sendo conservador ao usar a estatística da OMS, o autor indica que a porcentagem de 15% pode ser vista como uma estimativa mínima, sugerindo que a realidade possa ser ainda mais significativa em termos de pessoas com deficiência na população. No entanto, o trecho destaca uma clara discrepância

entre o número de pessoas com deficiência na população em geral e o número de matrículas dedicadas a elas no Ensino Médio brasileiro. Essa diferença evidencia a necessidade urgente de uma mudança nesse cenário, a fim de garantir uma inclusão efetiva e igualitária no sistema educacional. Ao expressar a necessidade de se promover uma mudança nesse panorama, o trecho enfatiza a importância de garantir que as pessoas com deficiência tenham acesso igualitário à educação e sejam devidamente representadas nas matrículas do Ensino Médio. Essa mudança demanda medidas que assegurem a inclusão educacional desses estudantes, a disponibilidade de recursos e suportes adequados, bem como a promoção de um ambiente educacional inclusivo e respeitoso.

Durante o período de isolamento, quando as escolas fecharam suas portas, as aulas, que eram presenciais, passaram a ser pelo ensino remoto emergencial, uma modalidade onde as aulas se davam pelo acesso à internet e, também, pela busca das atividades⁵ nas redes escolares. Porém, esse modelo não foi suficiente para suprir o desenvolvimento dos alunos, já que muitas famílias não possuíam tempo para acompanhar as aulas virtuais ou até mesmo condições por falta de internet, equipamentos tecnológicos e indisponibilidade para pegarem essas atividades impressas. Tais dificuldades potencializavam-se nos casos em que existiam necessidades educacionais especiais.

Segundo Souza e Dainez (2020, apud Goelzer; Goelzer, 2022), esse novo modelo de ensino não ajudava os estudantes da educação especial, pois as famílias não possuíam uma estrutura na qual o aluno necessitava para realizar suas atividades.

Após muito tempo com as aulas suspensas e utilizando de recursos digitais para dar continuidade no processo de aprendizagem dos alunos, as aulas presenciais foram retomadas. Segundo Camacho (2020, apud Goelzer; Goelzer, 2022) isso aconteceu devido à precarização que ocorreu no ensino remoto, onde as aulas por meios digitais trouxeram a defasagem no ensino aprendizagem dos alunos, inviabilizando, principalmente, o processo de aprendizagem dos pertencentes a muitas famílias carentes.

⁵ As atividades que, durante a pandemia estavam sendo remotas, também deram abertura para aquelas famílias que não tinham condições de acesso à internet, as possibilitando de retirar as atividades de seus filhos na própria unidade escolar, para que pudessem ser realizadas em casa e devolvidas quando nos prazos determinados pela escola.

Com isso, pode-se perceber que a chegada da pandemia e o afastamento dos alunos da escola, causou um grande retrocesso no que diz respeito à sua alfabetização, principalmente para crianças do público da educação especial, que necessitavam de auxílio nas realizações de suas atividades.

No período da pandemia, devido a COVID-19, os professores tiveram que mudar os seus métodos de ensino, pois como estava no modo remoto, a falta de *internet* e meios de tecnologia por alguns alunos e até mesmo professores, dificultou o ensino, nesta situação. É importante reestruturar as atividades educacionais de maneira a garantir que todos os alunos sejam incluídos, preparados e engajados no processo. Isso implica em garantir recursos como acesso abrangente à internet, conscientização dos alunos para que acompanhem as aulas de forma ativa e participativa, além de oferecer um suporte mais significativo e atencioso para aqueles alunos que têm alguma deficiência.

Os professores devem estar, ou melhor, devem ser habilitados para detectar os sintomas das dificuldades de aprendizagem e saber como trabalhá-las em classe. Uma de suas principais tarefas, além de perceber a dificuldade de aprendizagem, é solicitar o encaminhamento para providenciar o diagnóstico e meios para um atendimento adequado. (Osti, 2012, p. 55-56).

Para todo aluno que se encontra em uma situação de dificuldades de aprendizagem, é dever do professor se capacitar para poder identificar tais dificuldades para, então, poder trabalhar com esses alunos. Ademais, além de perceber essas dificuldades, sua tarefa é encaminhá-los para um atendimento especializado, onde a criança terá todo o suporte extraescolar.

Metodologia

A pesquisa foi realizada através de uma entrevista por meio de roteiro semiestruturado, em uma escola da rede municipal de ensino, localizada na região central da cidade de Corumbá-MS, tendo como participante uma professora do ensino fundamental I, que, durante e após a pandemia, atuou em sala com alunos PAEE, trazendo um enfoque sobre como foi trabalhar com essas crianças durante o período de isolamento e como vem sendo a rotina dos alunos em relação a sua aprendizagem após a pandemia.

Instrumento, coleta e análise de dados

O instrumento usado na coleta de dados foi um roteiro de entrevista semiestruturado com perguntas abertas.

A entrevista por meio de roteiro semiestruturado consiste na coleta de dados para um determinado objetivo e pode ser dividido em três esferas: 1) questões relacionadas ao planejamento da coleta de informações; 2) questões sobre variáveis que afetam os dados de coleta e futura análise; 3) questões que se referem ao tratamento e análise de informações advindas de entrevistas, sendo que esse último não está consolidado ao objetivo do presente texto (Manzini, 2003). No caso da presente pesquisa, as questões foram do segundo tipo.

Manzini (2003) orienta que antes de iniciar a realização da entrevista, é necessário a elaboração de um roteiro que será uma ferramenta que norteará o processo da pesquisa. Tem ~~em~~ com a finalidade de conduzir o pesquisador, durante o diálogo com o entrevistado, a alcançar os objetivos que procura para a realização de sua pesquisa. Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

A entrevista foi realizada em uma escola da Rede Municipal de Ensino (REME), com a participação de uma professora que atuou com alunos com autismo em suas aulas. A entrevista foi gravada e teve uma duração de 20 minutos, onde a professora relatou suas vivências em sala de aula e como foi o processo de ensino aprendizagem desses alunos.

Sua transcrição, contou com uma duração máxima de 3 horas, pois fizemos a verificação da gravação feita com a professora, corrigindo algumas palavras para dar ênfase e coerência em suas falas. A análise dos dados se deu a partir da categorização temática ensinada por Bardin (2016).

Resultados

Desafios e superação dos impactos da pandemia na perspectiva docente

De acordo com a entrevista feita com uma professora da rede municipal de ensino de Corumbá-MS, que atuou com alunos autistas em sua classe, foi possível observar que a educação especial, durante e pós-pandemia, passou por fortes mudanças no que diz respeito ao ensino e aprendizagem dos alunos PAEE, e principalmente, para os professores, na forma de ministrar de suas aulas.

Devido a essas mudanças, as unidades escolares tiveram que adotar medidas nas quais mantivessem a segurança dos funcionários e, especialmente, dos alunos.

Segundo a professora:

Em relação aos alunos com deficiência no ensino remoto, a escola teve todo um trabalho através de uma plataforma, onde os alunos foram cadastrados e aqueles alunos que tinham acesso ao computador e a internet em casa, as atividades eram desenvolvidas através desta plataforma (Professora, 2023).

Com o vírus da COVID-19 em nosso meio, uma das principais mudanças que as escolas passaram, foi adotar o ensino remoto como meio de prevenir a saúde e a segurança das crianças, então todas as atividades que precisavam ser desenvolvidas, eram feitas pela plataforma onde os alunos eram cadastrados, mas para aqueles que não possuíam condições de ter acesso à internet ou ao computador, a escola preparava atividades que eram entregues pessoalmente para os pais dos alunos na unidade escolar.

Ela ainda completa dizendo: “Agora, já quem não tinha essas condições, quem não tinham acesso à internet ou computador em casa, a escola junto com os professores, preparavam essas atividades e os pais vinham até a escola pra poder buscar essas atividades impressas” (Professora, 2023).

Neste contexto, percebe-se que, mesmo em momento de isolamento, os alunos continuavam a realizar suas atividades, porém, por se tratar do ensino remoto, não se sabia ao certo se essas atividades eram realmente realizadas pelos alunos. Podemos perceber essa afirmação em uma fala da professora em que ela nos apresenta esses aspectos:

A partir do momento que passa a ser um ensino remoto, nós não sabemos, realmente, como foi feito esse trabalho em casa com os pais. Muitas vezes, os pais mesmo acabavam fazendo as atividades pelos alunos e nos entregando uma atividade muito bem feita como se tivesse sido realizada pelo aluno (Professora, 2023).

Por meio de experiências pessoais de estágio, observa-se que muitas crianças da rede tiveram o seu desenvolvimento comprometido devido à pandemia, causando

uma defasagem no seu desenvolvimento. Ademais, a falta da prática das atividades que eram enviadas para serem realizadas em casa, acabou agravando ainda mais no desenvolvimento dessas crianças.

Durante o retorno das aulas presenciais, muita coisa mudou; tiveram que ser adotadas medidas de segurança em relação ao ambiente em que os alunos se inseriam. Surgiram dificuldades e incertezas com relação aos pais e aos alunos, bem como o corpo docente (Saraiva; Taversini, 2020, apud Goelzer; Goelzer, 2022).

Devido a essas incertezas, as escolas adotaram medidas capazes de tornar o ambiente escolar mais agradável aos alunos. Segundo Almeida et al. (2021), esse retorno gerou preocupações negativas tanto para os pais quanto para os alunos que se viam vulneráveis e inseguros por retornarem à escola durante a pandemia.

As medidas de segurança foram fundamentais para que os alunos pudessem se sentir mais seguros, pois foi recomendado que cada escola possuísse um painel medidor de temperatura, a utilização de álcool em gel, para a limpeza das mãos, o uso de máscaras e uma reserva, para que a criança pudesse trocar a cada duas horas e o distanciamento das carteiras, pois era a forma mais segura de se dispor os alunos em uma sala de aula (Dias, et al, 2020).

Uma outra maneira para garantir a segurança das crianças em sala de aula, foi a divisão da turma em dois grupos, onde um grupo ia em uma semana e na outra realizava suas atividades em casa. Discutiui-se sobre um planejamento da volta as aulas por grupos, onde escolas estaduais e municipais, e até mesmo as particulares, buscaram sobre possibilidades que garantissem um risco menor para a saúde dos alunos e profissionais que trabalham nas escolas (Gatti, 2020).

Em resumo, a volta as aulas exigiram a atenção de diversos desafios relacionados à saúde e ao bem-estar emocional, incluindo medidas como o distanciamento, o uso de máscaras, maior higienização, espaços abertos e a conscientização (Gatti, 2020). Assim, percebe-se que o retorno às aulas trouxe consigo muitos impactos de readaptação que os alunos poderiam enfrentar. Ademais, as escolas tomaram medidas de segurança para garantir um ambiente saudável e mais viável para receber esses alunos.

Superação de desafios no período pós-pandêmico

Com a volta as aulas, novos desafios foram enfrentados, sendo que professores tiveram que se organizar para poder atender, com um bom planejamento, as necessidades dos alunos, e os alunos precisaram se readaptar ao ambiente escolar; claro que não foi fácil, até porque muitos alunos voltaram tendo que aprender e reaprender a como conviver uns com os outros, além de retomarem aos ensinamentos para um bom desenvolvimento.

Então é como se tivesse parado no tempo pra voltar e recomeçar tudo de novo. Muito mais com dificuldades em relação dos alunos especiais por conta desse aprendizado. Era começar do zero, fazer aquela atividade desde o alfabeto, vogais, formação de sílabas, formações de palavras, para a gente chegar ao nosso objetivo final, dependendo da turma que eles se encontravam matriculado (Professora, 2023).

Frente às dificuldades, os elementos de superação destacados foram: auxílio da escola, jogos pedagógicos, participação da família e tecnologias de informação e comunicação, conforme apresentado a seguir.

a) Auxílio da escola

A professora afirma que recebeu orientação da escola em relação ao planejamento para os alunos especiais, pois como estavam retornando de uma quarentena, necessitavam de uma atenção ainda maior em relação as suas atividades e ao seu desenvolvimento.

A orientação que a gente tem em relação a esses alunos é o planejamento, que é o PEI, o primeiro ponto de partida em relação a ele; é onde a gente seleciona os conteúdos a serem trabalhados durante o primeiro semestre com eles. Até então, esses conteúdos são trabalhados em cima do nosso planejamento, só que de uma forma bem reduzida, por conta de os alunos serem especiais; então cada um tem suas dificuldades, seu desenvolvimento e cada um tem uma forma de compreender; então é através deste planejamento que a gente começa a trabalhar com ele (Professora, 2023).

Ela afirma ainda que foi de muita importância trabalhar a memorização do conteúdo que estava sendo trabalhado, pois com alunos que possuem autismo e frequentavam suas aulas, possuem mais dificuldades de memorizar.

“Fazer a criança compreender e memorizar aquilo que estava sendo trabalhado naquele momento, para ele estar lembrando no dia seguinte” (Professora, 2023).

Também é de referir, no período pós-pandemia, a importância da ajuda de profissionais de apoio, para favorecer a aprendizagem dessas crianças, pois assim, a

parceria de professores regente e auxiliares de apoio, oferece ao aluno uma melhor compreensão do conteúdo.

A parceria entre os profissionais de apoio e a escola favorece o estabelecimento de metas realistas no que se refere ao desenvolvimento, como também possibilita avaliar a criança de acordo com suas próprias conquistas. (Mousinho et al, 2010, p. 95)

Através do planejamento conjunto pensado para os alunos PAEE, utilizando o planejamento do restante da turma como norte, é possível trabalhar conteúdos em que o aluno não se sentirá excluído dos demais alunos da classe. Jogos pedagógicos foram fundamentais para que esses alunos pudessem trabalhar a sua capacidade e o seu desenvolvimento na aprendizagem, segundo a entrevistada.

b) Jogos pedagógicos

Esses jogos também eram parte do planejamento do professor para trabalhar com os alunos da educação especial, pois eram sempre aplicados com o intuito da realização de atividades, como uma forma mais simplificada para que o aluno pudesse desenvolvê-las.

A gente entrou com jogos pedagógicos, com o lúdico, principalmente atividades aonde tinha imagens, para ele estar fazendo a associação e a compreensão do conteúdo a ser desenvolvido; compreender o nome das figuras, aprender a formação das palavras e frases. Na matemática, os jogos pedagógicos também entraram com a adição, subtração, através do dominó; conseguimos também estar utilizando o ABACO, para ele estar conseguindo desenvolver as operações matemáticas (Professora, 2023).

Ela ainda completa, dizendo:

Então, os jogos são algo que chamam bastante a atenção deles, então onde tem figuras, tem cores, é onde a gente consegue a atenção desses alunos. Porém, depende muito do grau do autismo dele; tem aquele aluno que fica de dois a três minutos com um jogo, acabou, ele já não quer mais, mas há aquele aluno que tem um interesse maior, ou seja, ele vai conseguir desenvolver (Professora, 2023).

Os jogos foram fundamentais para trabalhar a alfabetização desses alunos, pois muitos deles, como a professora disse, chamavam sua atenção, permitindo-lhes a realização dos exercícios de maneira adaptada para eles, mas nunca fugindo do foco principal da aula.

Os jogos e brincadeiras desempenham um papel fundamental no processo de desenvolvimento intelectual e social das crianças, passando por uma série de etapas que marcam momentos importantes de crescimento em sua aprendizagem. Essas atividades são utilizadas na sala de aula com o propósito de oferecer aos alunos mais habilidades em atividades que envolvam raciocínio lógico, coordenação motora e criatividade. Ao brincar, os alunos se envolvem em aprendizados práticos, nos quais as brincadeiras auxiliam na criação

de suposições, na construção de objetos e na exploração de todas as possibilidades oferecidas pelos objetos disponíveis para eles.

O jogo possui vários objetivos pedagógicos como: trabalhar a ansiedade dos alunos por meio de atividades que exigem concentração; rever limite, pois é pelos jogos que o aluno se enquadra em regras, reagindo com suas emoções para aprender a ganhar e perder, aprendendo inclusive a respeitar e ser respeitado; proporcionar confiança em si e nos outros; estimular a autoestima; confeccionar jogos, fazendo que a criança tenha oportunidade de errar, acertar, construir, criar, copiar, desenvolver planos aumentando sua autoestima, acreditando que é capaz de fazer muitas coisas para si; desenvolver a autonomia, proporcionando ao aluno a oportunidade de responsabilizar-se por suas escolhas e atos; ampliar o raciocínio lógico, exigindo planejamento e estratégias para raciocinar. (Abrantes, 2010, p. 3).

Destaca-se, então, que os jogos pedagógicos vão além do entretenimento, servindo como ferramentas valiosas para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo dos alunos, oferecendo uma abordagem prática e eficaz no processo de aprendizagem.

c) Participação da família

A participação dos familiares desses alunos também teve grande influência no que se refere ao ensino aprendizagem deles, pois com os pais presentes e participativos na evolução do desenvolvimento dos seus filhos, ficou mais flexível saber como fazer com que esses alunos realizassem e praticassem seus exercícios em casa.

Segundo a fala da professora entrevistada em relação a participação dos pais, eles chegavam a ir até à escola para saber como poderiam ajudar esse aluno, com autismo:

Quando o aluno não conseguia fazer atividade em casa, no outro dia o pai estava aqui para estar conversando comigo, para saber de que forma poderia estar trabalhando com esse aluno e até mesmo pra ele entender e estar dando suporte para seu filho. Um exemplo do ano passado foi na multiplicação de um dos alunos; o pai veio até a sala pra saber como ele poderia estar trabalhando com filho dele em casa no desenvolvimento da tabuada, para ele ter essa memorização, e aí foi onde eu sugeri pra ele: "você pode estar fazendo em forma de um dominó, aí de um lado você coloca multiplicação e na outra peça do dominó você põe o resultado". Então você vai trabalhando com ele a multiplicação ou também ele pode estar montando a tabuada e fazer aleatoriamente, falando pra ele quanto que é 2×1 , quanto que é 3×5 e vai estimulando o aluno estar pensando pra poder responder (Professora, 2023).

Os pais possuem uma participação essencial no desenvolvimento das crianças, sobretudo as que são PAEE, pois eles desempenham um papel central no apoio

emocional, educacional e social. O envolvimento dos pais fortalece a colaboração entre a escola e a família, permitindo a criação de planos de ensino individualizados e estratégias de suporte específicas. Além disso, a participação ativa dos pais contribui para aumentar a autoestima e a confiança dos discentes, promovendo um ambiente de apoio e inclusão que é essencial para o seu crescimento e sucesso. Segundo Souza, (2009) é importante que a família esteja presente no processo ensino-aprendizagem. Isto tende a favorecer o desempenho escolar, visto que o convívio da criança com a família é muito maior do que o convívio com a escola.

d) Tecnologias de Informação e Comunicação

Um outro recurso que ajudou muito no desenvolvimento desses alunos, foi o acesso às TICs, que lhes permitiu explorar um pouco mais essa área tecnológica, principalmente na realização de exercícios e jogos educativos.

“Em sala de aula o uso da sala de tecnologia, ela vem pra desenvolver sim o desenvolvimento desse aluno. De que forma? A estimular ele a querer aprender mais, a raciocinar o que ele vai ter que fazer, o desenvolver da atividade e até mesmo a ter interesse” (Professora, 2023).

A pandemia ressaltou a importância da tecnologia na educação, podendo gerar mudanças no desenvolvimento das aulas e até mesmo no desenvolvimento dos alunos. Com a chegada da COVID-19, houve um grande impacto na educação de qualidade e inclusiva dos alunos, sendo que crianças e jovens com deficiência foram afetados; os desafios se agravaram ainda mais, devido as barreiras que esses alunos enfrentam em relação a falta de informação e a recursos que os permitem socializar e, principalmente, à discriminação que passam constantemente (Alves; Cardoso; Cantuária, 2023)

As TICs se tornaram importantes a partir do momento em que pessoas necessitam dela para se comunicar e realizar atividades cotidianas. Segundo Alves; Cardoso e Cantuária (2023) e Morato (1998, apud Freitas, 2012), as TICs contribuem e muito para a Educação Especial, pois podem proporcionar para as crianças com deficiência a autonomia de se comunicar com outras pessoas, pela utilização de códigos alternativos e de dispositivos de síntese vocal.

A tecnologia pode impactar no cotidiano das pessoas, lhes permitindo o acesso aos serviços de saúde, informação e comunicação como os demais órgãos competentes presentes na sociedade.

Antes da Pandemia do COVID-19, o sistema escolar não era muito diferente do século IX ou XX, pois os investimentos em tecnologia educacional se concentravam mais na implementação de dispositivos e conectividades, sem muita consideração para o aprendizado do professor e principalmente, do aluno. Ainda vale ressaltar que no período, em que a utilização da tecnologia era essencial para dar continuidade ao estudo e desenvolvimento dos alunos, muitas delas possuíam um baixo acesso à internet e a dispositivos digitais em casa, principalmente para as famílias das crianças do público da educação especial que possuíam baixa renda. (Alves; Cardoso; Cantuária, 2023).

Pode-se perceber que na educação, para o avanço de conhecimento dos alunos, até mesmo para o aprimoramento das habilidades do professor, as tecnologias não eram muito bem aproveitadas devido à falta de infraestrutura e, fundamentalmente, de investimentos.

As TICs são utilizadas para um melhor desempenho, tanto do professor quanto para o aluno, pois ajuda no desenvolvimento e aprimora o conhecimento de ambos. Segundo Freitas (2012), a introdução das TICs no ensino não é uma mera substituição dos meios tradicionais ou do professor, mas sim um agente ativo de mudança na forma como se aprende, como se ensina e na interação entre professor e aluno na sala de aula.

As TICs possuem muitas vantagens para os alunos público da educação especial dentro da possibilidade de atenção à diversidade. Um destaque que mais está presente é o papel que desempenha no estímulo e atendimento de suas necessidades, facilitando a leitura e a escrita, comunicação e linguagem, motivação e integração social, entre outros (Alves; Cardoso; Cantuária, 2023).

Nesse aspecto, as vantagens das TICs para alunos da educação especial são: recursos multissensoriais, aprendizado autônomo, colaboração facilitada, aumento da motivação, apoio na comunicação, acesso a materiais educacionais diversos, aquisição de habilidades tecnológicas e preparação para o futuro (Thomas, 1991, cit. por Williams; Jamali; Nicholas, 2006, apud Freitas, 2012).

Em resumo, as TICs proporcionam um ambiente de aprendizado mais inclusivo, personalizado e envolvente para todos os alunos, inclusive aqueles que compõem o público da educação especial, incentivando-os a desenvolver e explorar seu potencial máximo.

As TICs, após o período pandêmico, proporcionaram novos cenários educativos, possibilitando novas estratégias de ensino e variedades de saberes, ao mesmo tempo, propondo o desenvolvimento de novas competências para funcionar no contexto social atual. Acessibilidade consiste na utilização de auxílios por pessoas com deficiência para que possam utilizar o computador, meios eletrônicos, multimídia e meios de comunicação para poder utilizá-los para seu desenvolvimento pessoal e social (Alves; Cardoso; Cantuária, 2023).

É importante ressaltar que, o uso da sala de tecnologia é fundamental para que as crianças desenvolvam o interesse das práticas tecnológicas, pois através delas aprimorarão suas habilidades cognitivas, comunicativas e sociais. Portanto, as TICs desempenham um papel significativo ao ampliar as possibilidades de aprendizado e desenvolvimento para alunos da educação especial e podem colaborar para a superação dos prejuízos provocados pela pandemia de COVID-19.

Considerações Finais

Destaca-se que através deste trabalho, observamos que no período pandêmico, o âmbito escolar sofreu por conta do isolamento social e das possíveis adaptações para um novo modelo de ensino até o retorno das aulas, com as medidas de segurança adequadas para receber os alunos, de forma a preservar sua saúde. Muito se fez para que os alunos continuassem exercendo o seu desenvolvimento escolar, mesmo em período de isolamento, pois com a rápida propagação da doença, não podiam estar em um ambiente coletivo. A colaboração entre professores, alunos e pais desempenhou um papel crucial nessa nova dinâmica de aprendizado.

Durante o retorno das aulas presenciais, houve muitas mudanças para que os alunos voltassem a se adaptar ao ambiente escolar e as novas normas de segurança como o distanciamento de um metro, o uso de máscaras, o álcool em gel etc. Com relação aos alunos da educação especial, esse retorno às práticas educativas se deu pelo preparo de um planejamento mais elaborado, com atividades adaptadas para que esses alunos realizassem os exercícios propostos nas aulas, dando continuidade ao seu desenvolvimento que foi interrompido pela pandemia. Os jogos foram essenciais para a continuação do desenvolvimento desses alunos, pois com eles podiam ser trabalhados diversos conteúdos, oferecendo uma abordagem lúdica e engajadora para o aprendizado.

Além dos jogos, os pais tiveram uma participação fundamental para o desenvolvimento dos seus filhos, pois ao se envolverem na educação, forneceram apoio emocional, entendendo as necessidades específicas do aluno e colaborando com os educadores para criar um ambiente de aprendizado mais adaptado. Essa parceria pode fortalecer a comunicação entre escola e família, garantindo que estratégias eficazes sejam implementadas para o progresso acadêmico e social do aluno.

As TICs podem desempenhar um papel crucial na recuperação da educação pós-pandemia, pois elas personalizam o ensino, atendendo as necessidades individuais de cada aluno. Além disso, as TICs podem viabilizar a recuperação do tempo perdido, permitindo revisão de conteúdos, tutoriais personalizados e recuperação de créditos.

Referências

ALVES, Eliêne Fernandes Pereira; CARDOSO, Jane Alves; CANTUÁRIA, Thainá Lemes. *O uso das tecnologias digitais para pessoas com deficiência nas escolas públicas pós – pandemia*. Research, Society and Development, v. 12, n. 1, jan. 2023.

ALMEIDA, Patrícia Rodrigues; LUZ, Charlene Bitencourt Soster; JUNG, Hildegard Susana; FOSSATTI, Paulo. *Relações no ambiente escolar pós-pandemia: enfrentamentos na volta às aulas presenciais*. Revista Actualidades Investigativas en Educación, v. 21, n. 3, Art. Cient., set-dic 2021.

CARDOSO, Alessandra Andrade; TAVEIRA, Gustavo Diniz de Mesquita; STIBEL, Guilherme Pereira. *Educação especial no contexto de pandemia: reflexões sobre políticas educacionais*. Revista TEIAS, v. 22, abril/junho de 2021.

CARMO, Elidiane Torres. *Importância dos jogos como metodologia da educação inclusiva na escola municipal morro encantado em Cavalcante - Goiás*. Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar – unb/uab, 2015.

Wang, Chen; W. Horby, Peter; G. Hayden, Frederico; F. Gao, George. *A novel coronavirus outbreak of global health concern*. The Lancet. 395(10223):470–473. 2020

DIAS, Gustavo Nogueira; VOGADO, Gilberto Emanuel Reis; BARRETO, Wagner Davy Lucas; JUNIOR, Washington Luiz da Silva; BARBOSA, Eldilene da Silva; RODRIGUES, Alessandra Epifanio; JUNIOR, Ademir Ferreira Silva; COSTA, Carlos Augusto Cordeiro. *Retorno às aulas presenciais no sistema educacional do estado do*

Pará-Brasil: Obstáculos e desafios durante a epidemia de COVID-19. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 6, n.6, jun. 2020.

Instituto Unibanco. Educação inclusiva: um direito inegociável. 28 de fevereiro de 2023. Disponível em <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br> Acesso em 10 de agosto de 2023.

FREITAS, Sílvia Maria Dias Carneiro. *As TIC e os alunos com NEE: A percepção dos professores de educação especial de Viseu.* Universidade Católica Portuguesa - MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL – Domínio Cognitivo e Motor, 2012.

GATTI, Bernardete A. *Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia.* Estudos Avançados, v. 34, n. 100, 2020.

GOELZER, Jessica; GOELZER, Ademir. Os desafios da educação especial e inclusiva pós-pandemia. *Open Science Research VIII*, Editora Científica Digital, 2022.

NASCIMENTO, Otacílio Marcelino. A educação na pós pandemia: desafios e legados. *Revista Faculdade FAMEN - REFFEN*, v. 2, n. 1, 2021.

ROCHA, Gilda Fernandes Silva; VIEIRA, Marcia de Freitas. Educação inclusiva em tempos de pandemia: assistência aos estudantes da educação especial por meio da educação remota. *Dialogia*, n. 39, p. 1-14, e20600, set./dez. 2021.

SANTOS, Jairo Campos; OLIVEIRA, Luiza Alves. Percepções sobre as ações das redes públicas de ensino durante a pandemia. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE)*, Fortaleza, v. 6, n. 3, e5412, set./dez. 2021

SOUZA, Maria Ester do Prado. Família/Escola: A importância dessa relação no desempenho escolar. Programa de Desenvolvimento Educacional PDE. Santo Antônio da Platina – Paraná, 2009. Disponível em: A ESCOLA/ PAIS: A IMPORTÂNCIA DESSA RELAÇÃO NO DESEMPENHO ESCOLAR (webartigos.com). Acesso em: 06 dez. 2023.

VILELA, Jean Louis Landim; FERRAZ, Anderson Claiton; DIAS, Matilde de Paiva; TEIXEIRA, Mauro Sérgio. Dificuldades enfrentadas por professores da educação básica em relação a alunos com deficiência: uma análise no contexto da pandemia de COVID-19. *SciELO Preprints*, 2021.